



“American Primeval da Netflix é uma minissérie ocidental promissora, mas clichê e insatisfatória.”

## Prós

- Dois episódios de abertura propulsivos e fascinantes
- Vários cenários e tiroteios impressionantes
- Um escopo visual e narrativo admiravelmente extenso

## Contras

- Uma história entorpecentemente punitiva
- Vários enredos clichês e problemáticos
- Diálogo direto e desajeitado por toda parte
- Desempenho fraco de Dane DeHaan e Saura Lightfoot-Leon na liderança

*Primitivo Americano* é uma série de [TV](#) épica e extensa, que parece profundamente devedora aos faroestes de antigamente e uma repreensão proposital deles. Ainda presentes estão os céus sem nuvens do gênero John Ford, que se estendem infinitamente como as planícies e cadeias de montanhas da série, mas sua vibração em cores se foi. Esta última característica foi substituída por *Primitivo Americano* diretor Peter Berg com uma paleta de cores bastante dessaturada que frequentemente drena o faroeste de praticamente todas as cores identificáveis além do preto e do cinza, e que é projetada para refletir a brutalidade e a escuridão do *O Regresso* roteiros do escritor Mark L. Smith.

Primitivo Americano | Trailer oficial com classificação para adultos | Netflix

Não impressionado com a violência dos faroestes anteriores, *Primitivo Americano* pretende

capturar em detalhes cansativos os numerosos desafios físicos e os perigos implacáveis do oeste americano não colonizado. Ele usa o Massacre de Mountain Meadows da vida real, no qual mais de 100 colonos foram assassinados pelos membros de uma zelosa milícia mórmon e pelos nativos americanos Paiute do Sul que eles contrataram para ajudá-los a fazer isso, como incidente incitante. A partir daí, conta a história de como as colônias ocidentais da América quebraram muitos dos seus potenciais colonizadores e foram, por sua vez, quebradas como cavalos indomados pelos interesses de várias facções controladoras e gananciosas.

*Primitivo Americano* é, portanto, um retrato decididamente e propositalmente nada romântico do Ocidente, que espera lançar mais luz sobre algumas das injustiças horrendas e menos conhecidas que foram cometidas em nome do Destino Manifesto. Às vezes, ele consegue fazer exatamente isso, e de forma bastante eficaz também. O original da Netflix é uma contradição frustrante. Pode parecer um faroeste prático, mas está repleto de alguns dos clichês mais fracos e cansados do gênero. Eles se acumulam em suas parcelas posteriores até *Primitivo Americano* tornou-se dramaticamente inerte, como uma carroça presa na lama molhada. Os criadores do programa podem saber exatamente onde querem chegar, mas seus erros deixam a série dolorosamente cambaleando.



Netflix

*Primitivo Americano* As cenas de abertura seguem Sara Rowell (Betty Gilpin), uma mulher teimosa, e seu filho Devin (Preston Mota) quando eles chegam em Utah em 1857 em um



trem vindo de Boston e seguem para o primeiro e mais seguro posto avançado do território, Fort Bridger. Lá, eles conhecem o construtor do forte e proprietário das montanhas, Jim Bridger (Shea Whigham, um ladrão de cenas), que tenta, sem sucesso, dissuadir Sara de tentar entrar em contato com seu “marido” distante na cidade em potencial de Crooks Springs, que fica em do outro lado de uma cadeia de montanhas próxima e traiçoeira. Quando seus esforços subseqüentes para convencer Isaac Reed (Taylor Kitsch), um batedor rude habitualmente coberto de trapos, a guiar Sara e Devin até seu destino falham, Sara convence Jacob (Dane DeHaan) e Abish Pratt (Saura Lightfoot-Leon), um jovem dois recém-casados mórmons, para permitir que ela e Devin se juntassem a eles em um trem próximo.

A jornada de Jacob, Sara, Abish e Devin é interrompida quando um grupo de milicianos mórmons veste capuzes brancos e massacra todo o trem de carroções em um esforço para ajudar seu líder, Brigham Young (Kim Coates), a impedir que todos os colonos não-mórmons viajem para sua crescente “Sião” de Utah. Atrás da [câmera](#), Berg constrói essa sequência a partir de uma série de ângulos inclinados e portáteis que tornam a violência horrível que se desenrola simultaneamente ainda mais legível e enervante. A brutalidade do ataque e a qualidade visual caótica fazem dele um raro espetáculo de TV de revirar o estômago, do tipo que a maioria dos telespectadores provavelmente só viu em outros lugares no *Guerra dos Tronos* que também frequentemente conseguiu capturar tanto a carnificina doentia quanto o alcance cinematográfico de suas batalhas no terreno.

Primitivo Americano | Isaac e Sara caem em uma armadilha | Espiada | Netflix

No final de *Primitivo Americano* No recriado Massacre de Mountain Meadows, Sara e Devin são resgatados pelo relutante e emocionalmente protegido Isaac de Kitsch, enquanto Jacob e Abish são separados. O primeiro fica ferido por um escalpelamento parcial e é forçado a se unir involuntariamente a seus agressores mórmons para procurar sua esposa; o último acaba prisioneiro primeiro dos Paiute e depois de um vingativo guerreiro e líder Shoshone chamado Red Feather (um digno, mas mal servido, Derek Hinkey). Ao longo de seus seis episódios, *Primitivo Americano* segue suas cinco pistas principais enquanto tentam chegar aos seus respectivos destinos, ao mesmo tempo em que expande seu escopo para abranger as crescentes tensões entre os militares dos EUA e os seguidores hostis de Brigham Young e a missão empreendida por um mercenário rude chamado Virgil Cutter (Jai Courtney) para capturar uma recompensa que foi colocada pela cabeça de Sara por razões que se tornam gradualmente claras. *Primitivo Americano* que foi escrito inteiramente por Smith, faz o possível para equilibrar todas essas histórias, mas algumas inevitavelmente se mostram mais fortes e atraentes do que outras.



Netflix

A jornada de Sara e Devin com Isaac é impulsionada pelas performances capazes e inabaláveis de Gilpin e Kitsch. Os conflitos de longa data entre *Primitivo Americano* A facção mórmon de Israel e seus “inimigos” também se tornam fascinantes e perturbadores pelas enfurecedoras e repetidas tentativas de Brigham Young de forçar Jim Bridger a desistir de seu forte e pelos esforços apaixonados de um capitão militar americano de bom coração chamado Dellinger ( Lucas Neff) para responsabilizar Young e seus seguidores por seus atos selvagens e ilegais. *Primitivo Americano* no entanto, encontra muito menos sucesso nos caminhos divergentes de Jacó e Abis. A busca de Jacob por sua esposa sequestrada não leva a lugar nenhum, e isso dá a DeHaan pouco o que fazer além de gritar e ficar cada vez mais perturbado por causa de um romance que *Primitivo Americano* não fez nada para se desenvolver em primeiro lugar. Esse fato apenas faz com que o desempenho de DeHaan pareça ainda mais descomunal e sem âncoras.

Problemas ainda maiores surgem nas cenas de Abish. A personagem é acolhida desde o início por Red Feather, e não demora muito para que ela se sinta atraída por sua [cultura](#) Shoshone. A natureza problemática e clichê deste enredo poderia ser perdoável se não fosse pelas cenas posteriores em que Abish explica condescendentemente o custo da guerra a Red Feather, um homem nativo americano que viu muito mais mortes do que ela, e então dita a direção de *Primitivo Americano* Todo o enredo do Shoshone com um punhado de discursos que acabam sendo mais impactantes do que deveriam logicamente. Para ser justo com

Lightfoot-Leon, ela não tem muito com que trabalhar. Seu desempenho rígido e pouco convincente, no entanto, torna a caracterização de uma nota de Abish ainda mais óbvia. Isso, por sua vez, torna difícil encontrar qualquer satisfação dramática em assistir a todas as muitas e incontáveis mortes que ocorrem em nome de protegê-la. O enredo do personagem é um passo em falso profundo e que, em combinação com o passado de Isaac como um homem branco criado pelos Shoshone, faz com que *Primitivo Americano* A tentativa de contar parcialmente uma história de perda trágica de nativos americanos através de uma perspectiva predominantemente branca parece ainda mais lamentável e imprudente.



Netflix

*Primitivo Americano* As maiores falhas estão, em sua maioria, ausentes em seus dois primeiros episódios, que impressionam por sua expansão no faroeste e seu compromisso com um tipo de estilo de narrativa propulsivo e cheio de ação que ainda é raro na televisão. Além de sua dependência excessiva de sangue e sangue CGI, as sequências de ação da série permanecem consistentemente emocionantes e cinéticas ao longo de suas seis horas também. *Primitivo Americano* começa a vacilar seriamente em sua terceira parte, porém, que vê o desejo da série de ser o mais brutal e punitivo possível conduzindo-a a um desvio de pesadelo envolvendo a Sara de Gilpin que parece gratuita e injustificada no momento e ainda mais quanto mais tempo *Primitivo Americano* continua.

É uma série em que o sangue, o suor e as lágrimas envolvidos em sua produção são frequentemente aparentes na tela. Mas a clara dificuldade da sua produção não é suficiente



para impedir *Primitivo Americano* as falhas de o esmagam, nem as atuações comprometidas de vários de seus membros do elenco ou a habilidade técnica de sua direção. É um faroeste que, apesar do visual e do orçamento contemporâneo da Prestige TV, sente em suas ideias, inúmeros clichês e perspectivas datados de 20 ou 30 anos, pelo menos.

*Primitivo Americano está transmitindo agora Netflix.*